



ENTREVISTA DA SEMANA

Direito penal é usado para promover 'limpeza social'

Ministro da Suprema Corte Argentina e professor do Departamento de Direito Penal e Criminologia da Universidade de Buenos Aires, Raúl Eugenio Zaffaroni afirma que "cada país tem o número de presos que decide politicamente ter"

► **Página 5**

HISTÓRIA DA SIDERURGIA VIRA ROMANCE

Marc Meyers lança "A dama e o luxemburguês", que tem Monlevade e sua usina siderúrgica como um dos "cenários" da narrativa

► **Página 6**



Morro Redondo vira cenário de filme

A história de uma mulher apaixonada pelo vento é o tema de um longa metragem que teve locações no Morro Redondo, um santuário e mirante natural que é uma das princi-

pais atrações turísticas de Itabira, e também numa cachoeira próxima ao Campo da Garça e na comunidade do Baú, em Nova União. "A mulher que amou o vento", de Ana Moravi e

Dellani Lima, pode ter lançamento ainda este ano, na Mostra de Cinema de Ipoema (Cinel-poema), informa **Roneijober Andrade**, em sua coluna "Expressão" ► **Página 8**

Roneijober Andrade

MORRO REDONDO
Objetos cenográficos para contar uma história de paixão pelo vento



DOMINGO

ESPALHADAS E DIVERSAS COMO EM NOSSOS JARDINS

Stael Azevedo esparramou flores lá dos jardins de Ipoema por esta edição afora e depois, lá no final, contou das finas ironias dessa empreitada lúdico-intertextual, que começa com as surpreendentemente belas florações de bananas aqui do lado ► **Páginas 2 a 7**



Stael Azevedo

O tempo hoje

Sol com algumas nuvens. Sem previsão de chuva. Temperatura entre 11°C e 23°C.



Atendimento ao Assinante

(31) 3834-2721

Redação

(31) 3834-2318

Na Internet

diarioitabira@gmail.com



SIMPLICIDADE: MENOS É MAIS

Selvino Heck

ESPECIAL PARA O DIÁRIO

Parece que chegou meu tempo. Segundo notícia recente (revista Amanhã, O Globo, 21.05.13), “jovens da classe média reduzem consumo ao essencial por estilo, e não por necessidade. Fenômeno minimalista começa a ser estudado em universidades e difundido na internet”.

Sou do tipo minimalista, não por necessidade, muito menos por estilo (embora alguns digam que sou mesmo pão-duro, ou descuidado e relaxado).

Como filho de colono, que trabalhou e cresceu na roça, e como franciscano, que morou em seminário e comunidades quase metade de sua vida, a simplicidade faz parte da vida. Por exemplo, comer sempre tudo que está no prato. Comer de tudo que está na mesa e disponível, sem recusar nada (papai era duro com quem não queria comer certas coisas como verduras ou deixava parte da comida no prato).

Contar os trocos no bolso. Dinheiro quando existe e sobra é para ações coletivas – as necessidades da comunidade, o time de futebol (no caso, o São Luiz de Santa Emília), o partido, o Movimento Fé e Política, as lutas, os movimentos sociais, a família. Ter uma geladeira velha, Westinghouse, dos anos 1950 (que, aliás, não é minha). Ter apenas o essencial dentro de casa e no dia a dia.

Às vezes, as situações concretas da vida levam a situações-limite. Quando não fui reeleito deputado estadual em 1990 e sobraram muitas dívidas, meu apartamento ficou sem chuveiro elétrico e não tinha como comprar um novo. Fiquei mais de ano no banho de água fria, até pagar todas as dívidas. Recebi um colchão

de solteiro para servir de cama (eu me mudara recentemente para o apartamento e ele ainda não tinha sido mobiliado), até que, anos depois, quando completei meio século de vida, os amigos presentearam-me com uma cama de casal.

Estamos no tempo do consumo, onde os templos de consumo estão na moda. Nunca gostei de frequentar shopping centers ou lojas multicoloridas. Não fazem meu gênero. Prefiro o Mercado Público de Porto Alegre e suas belezas simples, as lojas de rua da Voluntários da Pátria, da capital gaúcha; os botecos “sujos”, como o Bar do Chopp de Venâncio Aires, minha terra. São onde está a vida, está a alegria, o encontro com as pessoas, a convivência de se sentir bem e ser gente, rodeado de amigos, companheiras/os.

Agora, jovens de classe média estão começando a dar exemplos de simplicidade. Diz Jelson Oliveira, pesquisador da PUC do Paraná: “Adotar a ideia da simplicidade é estar disposto a abrir mão do excesso de bens de consumo. O aumento da procura por outra forma de viver é um sintoma do cansaço com uma sociedade altamente consumista”. Ou o escritor carioca Alex Castro, que diz: “Tenho menos objetos e mais tempo livre para mim. Não posso imaginar troca mais sensata”.

Ter pouco e viver com pouco não significa menos intensidade de vida. Cercar-se apenas do necessário não significa frustração. Significa preocupar-se com o essencial, aquilo que de fato interessa e é necessário para viver bem.

Como os índios vivem ou viviam? Por que rodear-se de bens, boa parte sem qualquer utilidade? A sociedade do consumo e do ter faz as pessoas olharem só para si mesmas, só para os seus interesses egoístas. Por que ganhar sempre, sempre mais,

acumular infinitamente, virar bilionário como um brasileiro que se jactava de ser um dos mais ricos do mundo? (Aliás, no caso, todo o império, que era de fachada, caiu como um castelo de cartas. Mas ele foi capa de revistas, era citado como exemplo, o “self made man” capaz de tudo, sem limites, poderoso, bajulado por políticos, meios de comunicação, socialaites e companhia).

A natureza agradece se os tempos de simplicidade tornarem-se parte da vida das pessoas. Aí vai ser possível sobrar espaço, horas e minutos para olhar para quem está do lado, saborear suas virtudes, conviver. Aí, haverá disponibilidade afetiva para sentir o gosto da goiaba tirada no pé; salivar o vinho que não custa centenas ou milhares de reais, ou a cachaça caríssima que só alguns abençoados podem beber. Aí, vai ser possível olhar o céu azul com naturalidade; caminhar mais com os pés descalços na terra nua e no barro; sentir a água banhando a pele suavemente; comer a gostosura do pinhão ou do milho cozido na chapa do fogão a lenha; deixar-se envolver pelo vento frio e fresco do final da tarde ou o sol cálido na praia deserta.

O capital e o ter nunca garantiram a felicidade. O acúmulo de bens nunca assegurou a paz. Ao contrário, levou a guerras e a mortes, a tiranias e ditaduras, a perseguições e exílios. E as árvores foram sumindo no horizonte, assim como os riachos deixaram de correr, o ar tornou-se impuro, a chuva parecia ácida e o tomate cheio de veneno.

Há um tempo para cada coisa. Há um horizonte e uma utopia de bem viver a serem buscados e construídos. Menos é mais. O simples pode ser muito. Pode ser tudo.

Artigo distribuído pela Agência de Informação Frei Tito para América Latina (Adital)



REFUNDAÇÃO DO BRASIL? O SENTIDO OCULTO DAS MANIFESTAÇÕES DE RUA

Leonardo Boff

ESPECIAL PARA O DIÁRIO

O que o povo que estava na rua no mês de junho queria, em último término, de forma consciente ou inconsciente? Para responder me apoio em três citações inspiradoras. A primeira é de Darcy Ribeiro no prefácio ao meu livro “O caminhar da Igreja com os oprimidos” (1998): “Nós brasileiros surgimos de um empreendimento colonial que não tinha nenhum propósito de fundar um povo. Queria tão somente gerar lucros empresariais exportáveis com pródigo desgaste de gentes”.

A segunda é de Luiz Gonzaga de Souza Lima na mais recente e criativa interpretação do país, “A refundação do Brasil: rumo à sociedade biocentrada” (São Carlos 2011): “Quando se chega ao fim, lá onde acabam os caminhos, é porque chegou a hora de inventar outros rumos; é hora de outra procura; é hora de o Brasil se refundar; a refundação é o caminho novo e, de todos os possíveis, é aquele que mais vale a pena, já que é próprio do ser humano não economizar sonhos e esperanças; o Brasil foi fundado como empresa. É hora de se refundar como sociedade” (contra-capas).

A terceira é do escritor francês François-René de Chateaubriand (1768-1848): “Nada é mais forte do que uma ideia quando chegou o momento de sua realização”.

Minha impressão é que as multitu-

dinárias manifestações de rua que se fizeram sem siglas, sem cartazes dos movimentos e dos partidos conhecidos e sem carro de som, mas irrompendo espontaneamente, queriam dizer: estamos cansados do tipo de Brasil que temos e herdamos, corrupto, com democracia de baixa intensidade, que faz políticas ricas para os ricos e pobres para os pobres, no qual as grandes maiorias não contam e pequenos grupos extremamente opulentos controlam o poder social e político; queremos outro Brasil que esteja à altura da consciência que desenvolvemos como cidadãos e sobre a nossa importância para o mundo, com a biodiversidade de nossa natureza, com a criatividade de nossa cultura e como maior patrimônio que temos que é o nosso povo, misturado, alegre, sincrético, tolerante e místico.

Efetivamente, até hoje o Brasil foi e continua sendo um apêndice do grande jogo econômico e político do mundo. Mesmo politicamente libertados, continuamos sendo recolonizados, pois as potências centrais antes colonizadoras nos querem manter ao que sempre nos condenaram: a ser uma grande empresa neocolonial que exporta commodities, grãos, carnes, minérios como o mostra em detalhe Luiz Gonzaga de Souza Lima e o reafirmou Darcy Ribeiro. Desta forma nos impedem de realizarmos nosso projeto de nação independente e aberta ao mundo.

Diz com fina sensibilidade social Souza Lima: “Ainda que nunca tenha existido na realidade, há um Brasil no imaginário e no sonho do povo brasileiro. O Brasil vivido dentro de cada um é uma produção cultural. A sociedade construiu um Brasil diferente do real histórico, o tal país do futuro, soberano, livre, justo, forte; mas, sobretudo, alegre e feliz” (p.235). Nos movimentos de rua irrompeu este sonho exuberante de Brasil.

Caio Prado Júnior em sua “A revolução brasileira” (Brasiliense 1966) profeticamente escreveu: “O Brasil se encontra num daqueles momentos em que se impõem, de pronto, reformas e transformações capazes de reestruturarem a vida do país de maneira consentânea com suas necessidades mais gerais e profundas e as aspirações da grande massa de sua população que, no estado atual, não são devidamente atendidas” (p. 2). Chateaubriand confirma que esta ideia acima exposta madurou e chegou ao momento de sua realização. Não seria sentido básico dos reclamos dos que estavam, aos milhares, na rua? Querem um outro Brasil.

Sobre que bases se fará a refundação do Brasil? Souza Lima diz que é sobre aquilo que de mais fecundo e original temos: a cultura brasileira. “É através de nossa cultura que o povo brasileiro passará a ver suas infinitas possibilidades históricas. É como se

a cultura, impulsionada por um poderoso fluxo criativo, tivesse se constituído o suficiente para escapar dos constrangimentos estruturais da dependência, da subordinação e dos limites acanhados da estrutura socioeconômica e política da empresa Brasil e do Estado que ela criou só para si. A cultura brasileira então escapa da mediocridade da condição periférica e se propõe a si mesma com pari dignidade em relação a todas as culturas, apresentando ao mundo seus conteúdos e suas valências universais” (p.127).

Não há espaço aqui para detalhar esta tese original. Remeto o leitor a este livro que está na linha dos grandes intérpretes do Brasil a exemplo de Gilberto Freyre, de Sérgio Buarque de Holanda, de Caio Prado Jr, de Celso Furtado e de outros. A maioria destes clássicos intérpretes olharam para trás e tentaram mostrar como se construiu o Brasil que temos. Souza Lima olha para frente e tenta mostrar como podemos refundar um Brasil na nova fase planetária, ecozóica, rumo ao que ele chama “uma sociedade biocentrada”.

Não serão estes milhares de manifestantes, os protagonistas antecipadores do ancestral e popular sonho brasileiro? Assim o queira Deus e o permita a história.

Leonardo Boff é teólogo, filósofo e escritor. Artigo distribuído pela Agência de Informação Frei Tito para América Latina (Adital)



“Existem limites que não podem ser ultrapassados”

Luciano Pires

O urgente e o importante

É impressionante! Vi as imagens do vandalismo no Rio de Janeiro, com um grupo de mascarados quebrando vitrines de lojas, destruindo agências bancárias, orelhões, bancas de jornal e placas e postes de sinalização no Leblon e Ipanema. São cenas chocantes, que me fizeram ferver o sangue. Especialmente quando aparecem destruindo... bicicletas. Você não viu? Acesse “<http://goo.gl/74JO5>”.

Em seguida vi uma entrevista coletiva da cúpula da Polícia Militar e Secretaria de Segurança do Rio. Num momento patético, o comandante quase se desculpou com os jornalistas pelo uso do gás lacrimogêneo. Ridículo. Fiz um post no Facebook a respeito. Minha posição: esses vândalos não são manifestantes, estão a serviço de alguma causa. E seja qual for essa causa, estão errados. Não há o que justifique aquela destruição.

Em dois minutos começaram a chegar os comentários dizendo coisas como “você viu as imagens na Globo. Tá explicado”; “esse ‘vandalismo’ foi provocado pela PM que massacrrou tudo e todos e subitamente ‘se retirou’ ... deixando a massa sem controle agir”; “antes de emitir qualquer opinião baseada em mídias comprometidas com interesses escusos, é bom ver o que acontece de verdade nos locais de manifesto”; “quem é o maior vândalo: esses que estão nas ruas ou os políticos que roubam?”.

As pessoas confundem o urgente com o importante e nem sequer compreendem que, assim, estão justificando a violência! Urgente é o vandalismo, a violência. Os vândalos têm que ser parados, presos e condenados, não importa se são direita ou esquerda, pretos ou brancos, pobres ou ricos, flamenguistas ou vascaínos. O vandalismo é uma crise, é urgente pará-la! Importante é saber quem são os vândalos e a serviço de que causa estão.

Sacou? Primeiro o urgente, parar a crise, e depois o importante, para evitar que ela se repita. O urgente não exclui o importante. Um não invalida o outro.

É curioso. O sujeito é inteligente, sensato e de repente inverte as prioridades e a cena do “manifestante” (está ente aspas, viu? É uma ironia) mascarado que agride um fotógrafo não tem importância, pois foi mostrada pela Rede Globo. O problema deixa de ser a agressão para ser a Globo. A cena dos animais destruindo uma banca de jornal não quer dizer nada, pois eles foram provocados pela polícia. Quem reclama dos vândalos é um manipulado pela mídia.

Esse raciocínio é igualzinho àquele que culpa a vítima pelo estupro, pois ela estava usando roupas provocantes. O que causa essa espécie de estupidez seletiva é a soma de deslumbramento com ignorância. O deslumbramento com alguma demonstração de resistência dos oprimidos anestesia o senso crítico, e a pessoa confunde seus filtros morais. O político rouba? Então justifica destruir a padaria do seu João. A polícia reprime? Então é justo revidar com um coquetel molotov. A imprensa defende interesses? Então não acredite na imagem do sujeito jogando um tijolo na vitrine da loja. É manipulada.

Pois é... Mas por mais manipulada que a imagem seja, o resultado é a vitrine quebrada, a banca queimada e o fotógrafo agredido! É urgente parar isso!

Existem limites que não podem ser ultrapassados, nem mesmo em nome de crimes que outros cometeram. Políticos roubam? Vamos infernizar a vida deles sem incendiar a cidade. Vamos fazer a cabeça de quem os elege para dar o troco. Vamos chamá-los de ladrões na cara deles. Vamos desmenti-los usando as mídias sociais. Mas não vamos roubar como eles! É preciso manter a capacidade de... putz. Quer saber?

Se você não é um estúpido seletivo, não precisa ler este texto. Mas se é um deles, jamais entenderá o que estou escrevendo. Tô perdendo tempo.

Stael Azevedo



PINGAFOGO

ITABIRA INSPIRA

São Gonçalo do Rio Abaixo se inspirou em Itabira e lançou este mês o programa Prefeitura Presente - O Governo Vai Até Você. O primeiro encontro já sinalizou o sucesso do programa, com 60 atendimentos.

OUVIR VOCÊ

Em Itabira a Prefeitura criou um programa nos mesmos moldes, intitulado Ouvir Você. Aqui, o prefeito, seus secretários e alguns assessores vão a um determinado bairro ou comunidade rural e fazem atendimentos individualizados. O Ouvir Você já realizou três edições: Ipoema, Senhora do Carmo e Pedreira, onde foram feitos mais de 570 atendimentos.

PREPARATIVOS

A equipe da Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade está com o gás todo. O Festival de Inverno termina hoje e, sem muito tempo para descansar, já vai começar a preparar a Conferência Municipal de Cultura, que deve ser

realizada no dia 9 de agosto. Terminando a conferência deverão começar os preparativos para a Semana Drummondiana.

CIDADES NA TV

O programa “Minas é muitas” da TV Assembleia enfoca, hoje, a cidade de Pará de Minas, conhecida por ser uma das maiores produtoras de aves no Brasil. O veterinário e neto do fundador do primeiro abatedouro de frangos paraminense, Fábio Capanema, fala sobre a evolução do tratamento e das pesquisas genéticas dos frangos.

AINDA O PROGRAMA

A atração da TV Assembleia, que será exibida às 19h, também aborda a vida do padre Libério, personagem símbolo da região que morreu na década de 1980 e hoje é motivo de devoção de muitos fiéis. A viagem a Pará de Minas ainda rendeu uma conversa com Urbano Medeiros, músico que usa seu talento para levar esperança a asilos e presídios, e com pilotos de avião que falam sobre o aeroclube local, um dos maiores do país.

Stael Azevedo



SÓ POR HOJE, NÃO SE ACOSTUME...

Nem tudo são flores na política, mas para não dizer que deixamos de falar delas, hoje, a historiadora e fotógrafa Stael Azevedo “expande” seu “latifúndio” neste **Diário** até esta coluna. Uma licença poética, só pra quebrar um pouco a aridez dos bastidores do poder e refrescar os ares de alguns políticos que andam meio grilados...

Stael Azevedo



NOVOS RUMOS - Legislação municipal pode obrigar empresas a abrirem a “caixa-preta” da comercialização de minério de ferro

PENTE FINO - Se projeto de autoria do prefeito for aprovado pela Câmara, empresas terão que abrir a contabilidade para informar venda de minério

Santa Bárbara terá lei municipal para fiscalizar as mineradoras

Em momento no qual Santa Bárbara trava um embate com a Samarco Mineração – que pretende captar água no município para ampliar sua capacidade de exploração de recursos minerais em outras localidades –, o prefeito Leris Braga (PRB) tenta aprovar na Câmara Municipal o projeto de lei 21/2013, estabelecendo regras para funcionamento das mineradoras.

Gustavo Linhares

DA REDAÇÃO

Apesar de o projeto da Samarco não envolver diretamente a exploração de bens minerais no município, a iniciativa da Prefeitura de Santa Bárbara demonstra interesse em aumentar o rigor com a atividade mineradora. Entre os principais aspectos desse projeto de lei está a definição de obrigações correlatas – regras tanto para o município quanto para o empreendimento – assim como penalidades decorrentes do descumprimento da legislação.

A justificativa do projeto de lei, assinada por Leris Braga, registra que “a Constituição

Federal de 1988 estabeleceu ser de competência comum da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios registrar, acompanhar e fiscalizar as concessões de direitos de pesquisa e a concessão de exploração de recursos minerais”. “Assim, a Constituição Federal exige dos municípios mineradores que estes estabeleçam uma regulamentação mínima da atividade mineradora”, completa o texto.

Entre as principais exigências estabelecidas pelo projeto de lei está a apresentação de documentos, tais como cópias autenticadas de todos os atos administrativos em vigor que disponham sob o regime de exploração, exploração e aproveitamento de recursos minerais; cópias autenticadas para a verificação da correção dos pagamentos correspondentes à Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (Cfem). A documentação exigida também vale para subsidiárias, transferência de atividades ou fusão de empresas que tenham alguma atividade em Santa Bárbara.

Caso a nova lei seja aprova-

da na Câmara, as empresas que já possuem atividades no município deverão apresentar: relatório técnico da produção mineral decorrente da exploração realizada no território; cópias autenticadas dos atos administrativos que disponham sobre o licenciamento ambiental da atividade de exploração de recursos minerais expedidos pelas entidades e órgãos ambientais estaduais e federais, suas respectivas compensações, condicionantes ou medidas mitigadoras.

Também terão que apresentar: cópias autenticadas de atos administrativos e contratos expedidos em data posterior à entrada em vigor da nova lei que disponham sobre o regime de exploração e aproveitamento de recursos minerais; cópias autenticadas de todos os documentos, seja de natureza fiscal, declaratória, informativa ou contratual, referente à produção e comercialização de substâncias/produtos minerais necessárias a verificação dos pagamentos da Cfem; e fluxo do processo produtivo e logístico desde a extração da substância mineral até o con-

sumidor final. As alterações do ato constitutivo das empresas ou do quadro societário devem ser informados à Prefeitura.

O texto também prevê que “no descumprimento das obrigações previstas nesta lei sujeita as empresas exploradoras de recursos minerais ao pagamento de multa (...) corrigido monetariamente por mês de atraso no cumprimento do prazo fixado”. As multas, que variam de R\$ 5 mil a R\$ 300 mil, também serão aplicadas caso as empresas não apresentem os documentos exigidos.

Mais rigor - Ao definir regras para licenciamento municipal da exploração e pesquisa mineral, a Prefeitura instituiu mecanismos para assegurar o correto pagamento dos royalties pelas empresas e cria um modelo de controle das atividades das mineradoras em Santa Bárbara. O texto será votado pela Câmara em agosto, quando os vereadores voltarem do recesso parlamentar. Após esse procedimento, a lei ainda terá que ser sancionada por Leris Braga.

Diário de Itabira

Diretora Geral: **Sandra Araújo**

Hora H Empresa Jornalística Ltda - CNPJ 10.705.524/0001-31

O Diário de Itabira circula de domingo a sábado
Assinatura para entrega domiciliar em Itabira:
mensal: R\$ 31,80 – semestral: R\$ 165,26 – anual: R\$ 317,64

Noticiário nacional fornecido pela Folhapress, Agência Brasil, Adital e Carta Z



Rua Sérgio Eisenberg, 80 - Fênix - Itabira (MG) - 35901-224
PABX (31) 3834-2721 - diarioitabira@gmail.com

O ministro da Suprema Corte Argentina e professor titular e diretor do Departamento de Direito Penal e Criminologia na Universidade de Buenos

Aires, Raúl Eugenio Zaffaroni, fala sobre o direito penal na América Latina e como ele vem sendo usado para fazer uma “limpeza social”. A demanda

da redução da maioria penal e o combate às drogas seguem esta mesma linha de criminalização e exclusão do pobre, avalia Zaffaroni

ENTREVISTA DA SEMANA RAÚL EUGENIO ZAFFARONI

‘Cada país tem o número de presos que decide politicamente ter’

Viviane Tavares

ADITAL

Diário – Por que defende a necessidade de uma identidade latina no direito penal?

Raúl Eugenio Zaffaroni – Nossos países estão vivendo um crescimento da legislação repressiva, porém, deveríamos caminhar para fortalecer a solidariedade pluriclássista em nosso continente. Não podemos seguir os modelos europeus e, muito menos, o norte-americano, em que a política criminal é marcada por uma agenda midiática que provoca emergências passageiras, resultando em leis desconexas, que, passada a euforia midiática, continuam vigentes.

– No Brasil, estamos diante de um cenário em que a guerra contra as drogas mata mais do que a droga em si. Qual a sua análise disso?

– É um fenômeno mundial. Quantos anos demoraria para que o México alcançasse a cifra de 60 mil mortos por overdose de cocaína? No entanto, já alcançou, em cinco anos, como resultado da competição para ingressar no mercado consumidor dos EUA.

– Atualmente, a grande questão do sistema penal brasileiro é a redução da maioria penal. Qual é a sua opinião sobre isso? O que deve ser levado em conta para se limitar essa idade?

– A redução da maioria penal é também uma demanda mundial que se relaciona à política de criminalização da pobreza. A intenção é pôr na prisão os filhos dos setores mais vulneráveis, enquanto os da classe média continuam protegidos. Embora haja alguns adolescentes assassinos, a grande maioria dos delitos que eles cometem são de pouquíssima relevância criminal. O Brasil tem um estatuto [Estatuto da Criança e Adolescente] que é modelo para o mundo. Lamento muito que, por causa da campanha midiática, ele possa ser destruído.

– Na Argentina existe um modelo de responsabilidade penal para adolescentes de 16 anos. Como isso se dá?

– Na Argentina, a responsabilização penal começa aos 16 anos, de maneira atenuada, e somente é plena a partir dos 18 anos. Não obstante, somos vítimas da mesma campanha, embora os menores de 16 anos homicidas na cidade de Buenos Aires, nos últimos dois anos, sejam apenas dois. A ditadura reduziu a idade de responsabilização para 14 anos e logo teve que subir de novo para 16, ante ao resultado catastrófico dessa reforma brutal, como tudo o que fizeram, claro. Ninguém pode exigir que um adolescente tenha a maturidade de um adulto. Sua inteligência está desenvolvida, mas seu aspecto emocional, não. O que você faria se um adolescente jogasse um giz em outra

pessoa na escola? Em vez disso, o que você faria se eu jogasse um giz no diretor da faculdade de direito em uma reunião do conselho diretivo? Não se pode alterar a natureza das coisas, uma adolescente é uma coisa e um marmanjo de 40 anos, outra.

– Muitos especialistas consideram esse modelo atual de encarceramento dos jovens falido. Por que a sociedade continua clamando por isso? Qual seria a alternativa?

– Não creio que a sociedade exija coisa alguma. São os meios de comunicação que exigem, e a sociedade, da qual fazem parte os adolescentes, é vítima dos monopólios midiáticos que criam o pânico social. Melhorem a qualidade de vida das pessoas, eduquem, ofereçam possibilidades de estudo e trabalho, criem políticas públicas viáveis. Essa é a melhor forma de lidar com os jovens. O Brasil é um grande país, e tem um povo extraordinário, o que vocês fazem é muito importante para toda a região, não se esqueçam disso. E não caiam nas garras dos grupos econômicos que manipulam a opinião através da mídia. O povo brasileiro é por natureza solidário e de uma elevada espiritualidade, quase mística. Não podem se deixar levar por campanhas que só objetivam destruir a solidariedade e a própria consciência nacional.

– Qual sua avaliação do sistema de encarceramento?

– As prisões são sempre reprodutoras. São máquinas de fixação das condutas desviantes. Por isso devemos usá-las o menos possível. E, como muitas prisões latino-americanas, além disso, estão superlotadas e com altíssimo índice de mortalidade, violência etc., são ainda mais reprodutoras. O preso, subjetivamente, se desvaloriza.

É um milagre que quem egresso do sistema não reincida. Enquanto não podemos eliminar a prisão, é necessário usá-la com muita moderação. Cada país tem o número de presos que decide politicamente ter. Isso explica que os EUA tenham o

índice mais alto do mundo e o Canadá quase o mais baixo de todo o mundo. Não porque os canadenses soltem os homicidas e estupradores, mas porque o nível de criminalidade média é escolhido de forma política. Não há regra quando se trata de casos de delinquência mediana, a decisão a respeito é política, portanto, pode ser arbitrária ou não. Ademais, a maioria de nossos presos latino-americanos não estão condenados, são processados no curso da prisão preventiva. Como podemos discutir o tratamento, quando não sabemos se estamos diante de um culpado?

– Como podemos explicar este foco no tráfico de drogas como o principal mal da sociedade



Stael Azevedo

“ ESTA MAIS-VALIA TOTALMENTE ARTIFICIAL [DO TRÁFICO DE DROGAS] ENTRA NA ESPIRAL FINANCEIRA MUNDIAL, ATRAVÉS DA LAVAGEM DE DINHEIRO, QUE O HEMISFÉRIO NORTE MONOPOLIZA. SEM ESSA INJEÇÃO ANUAL, SE PRODUZIRIA UMA RECESSÃO MUNDIAL

Raúl Eugenio Zaffaroni

atual? Ele precisa ser combatido?

– A proibição de tóxicos chegou a um ponto que não sei se tem retorno sem criar um gravíssimo problema ao sistema financeiro mundial. A única solução é a legalização, porém não acho que seja possível. A queda acentuada do preço do serviço de distribuição provocaria uma perda de meio bilhão de dólares, no mínimo. Esta mais-valia totalmente artificial entra na espiral financeira mundial, através da lavagem de dinheiro, que o hemisfério norte monopoliza. Sem essa injeção anual, se produziria uma recessão mundial. Como se resolve isso? Sinceramente, não sei. Só sei que isso é resultado de uma política realmente criminal, no pior sentido da palavra.

– No Brasil estamos vivendo um fenômeno com o crack. Em estados como Rio de Janeiro e São Paulo, os usuários estão sendo encaminhados para uma internação compulsória, uma espécie de encarceramento para o tratamento. Isso é bom?

– Não sei o que é esse crack, suponho que seja um tóxico da miséria, como o nosso conhecido “paco”. O “paco” é uma mistura de venenos, vidro moído e um resíduo da cocaína. É um veneno difundido entre as crianças e adolescentes de bairros pobres, deteriora e mata em pouco tempo, provoca lesões cerebrais. Como se combate? Quem deve ser preso? Os meninos que são vítimas? Isso não pode ser vendido sem a

convivência policial, como todos os outros tóxicos proibidos, porém, nesse caso, é muito mais criminal a convivência. Seria preferível distribuir maconha. Isso é o resultado letal da proibição. Nós chegamos a isso, a matar meninos pobres.

– Existe alguma forma de combater a violência sem produção de mais violência por parte do Estado?

– Na própria pergunta está a resposta. Se o Estado produz violência não faz mais que reproduzi-la. Cada conflito requer uma solução, temos de ver qual é a solução. Não existe o crime em abstrato, existem, sim, conflitos concretos, que podem ser solucionados

pela via da reparação, da conciliação, da terapêutica, etc., esgotemos antes de tudo essas soluções e apenas quando não funcionarem pensemos na punição e usemos, ainda assim, o mínimo possível a prisão. Não podemos pensar em soluções com a polícia destruída, mal paga, não profissionalizada, infestada por cúmplices corruptos, etc., Ou não estou descrevendo uma realidade latino-americana?

Entrevista realizada para a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz) e distribuída pela Agência de Informação Frei Tito para América Latina (Adital)

MARC MEYERS - Obra terá lançamento em Belo Horizonte esta semana e Monlevade, Ouro Preto e Ipatinga em outubro

Monlevadense lança romance sobre o desenvolvimento da siderurgia no país

A história de amor entre Leontina, dama mineira de passado controverso, e Jacques, um luxemburguês filho ilegítimo de um aristocrata com sua empregada, tendo como pano de fundo o desenvolvimento da indústria siderúrgica em João Monlevade. É essa a trama do livro "A dama e o luxemburguês", de autoria do engenheiro e professor monlevadense Marc André Meyers, 67 anos, que será lançado no dia 31 em Belo Horizonte pela editora Record no 68º Congresso da Associação Brasileira de Metalurgia, Materiais e Mineração (ABM).

Ulisses Nascimento

DA REDAÇÃO

Trata-se de uma obra ficcional, com alguns nomes reais – a exemplo do pai do autor, Henri Meyers, que foi diretor da Usina de Monlevade na década de 1960 – e obediência aos acontecimentos históricos relacionados à indústria siderúrgica.

Da pesquisa à revisão, foram seis anos de trabalho. Nesse meio tempo, Marc Meyers esteve em Luxemburgo, na Europa, terra natal dos pais, para conhecer lugares e enriquecer a história. O professor explica o que o levou a explorar esse tema. "Escrever é algo natural, que cresceu como uma semente. Sempre tive a curiosidade de saber sobre o passado da Belgo Mineira, de Monlevade, participei dessa evolução", conta, lembrando que a siderúrgica foi a primeira a trabalhar de forma integrada na América Latina.

O ponto de partida foi um livro de memórias sobre a história da usina que começou a ser escrito por um professor de Marc Meyers, chamado Édio, durante a graduação do monlevadense em engenharia mecânica na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O personagem Edí-

lio é uma homenagem de Marc Meyers ao professor.

Apesar da dificuldade encontrada para publicar a obra, o autor considera que teve "sorte grande" ao entrar em contato com Guiomar Gramond, responsável pelas obras nacionais da editora Record. "Ela se apaixonou pelo projeto e o levou adiante", conta. Exigente, Marc Meyers explica que fez várias revisões até a impressão. "Quando escrevo, leio uma, duas vezes e acho ruim, vou reescrevendo, é um trabalho metódico. O importante é ter uma história boa e acho que o resultado final foi fantástico", pontua o engenheiro, autor de outros dois romances – "Mayan Mars" e "Chechnya Jihad" – e do livro de poemas "Abscission/implosion", esse em língua inglesa.

Além de registrar o desenvolvimento da siderurgia nacional, o autor teve a intenção de rever os tabus da época. "Quis mexer com isso. Por exemplo, o personagem principal tem um amigo negro, e na época todo mundo achava engraçado. A mãe da Leontina Ribeiro [protagonista] é uma mulher ambiciosa. Num livro você não pode ter só personagens bonzinhos, às vezes o vilão é o mais apreciado. A história tem aventura, traição, é uma ficção que mexe com esses aspectos sociais daquele tempo", esclarece. Prova dessa ousadia é a capa do livro, que retrata pessoas dançando em um cabaré.

Além do lançamento em Belo Horizonte na próxima quarta-feira, Marc Meyers planeja eventos para divulgar a obra, no mês de outubro, em Ipatinga, Ouro Preto, e claro, João Monlevade. O livro tem patrocínio da Usiminas, apoio do Instituto Cultural Usiminas e Incentivo do Governo de Minas, por meio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura. A primeira edição tem 3 mil exemplares.



Memórias de infância e amor a João Monlevade

Marc Meyers, que nasceu em Belo Horizonte e se mudou com a família para João Monlevade com apenas 11 dias de vida, mora nos Estados Unidos há 35 anos. Ele é professor da disciplina de engenharia de materiais na Universidade da Califórnia e coordena um grupo de 12 pesquisadores. Apesar da vida consolidada fora do Brasil, as lembranças de João Monlevade são vivas.

"Monlevade tem um espaço muito importante na minha vida. Vivi aqui até os 14 anos. Minha formação básica de personalidade foi aqui, saí, mas, continuei coerente com minhas origens. Saí daqui com uma base muito boa. Me identifiquei mais com João Monle-

vade do que com Belo Horizonte", define o professor, que recebeu o título de cidadão honorário do município em 2007.

Além de rever as memórias, Marc Meyers, eleito em 2010 membro da Academia Brasileira de Ciências, vê o livro como um desafio histórico. "Me senti na obrigação de escrever, se não, a próxima geração não teria acesso a essa história. Não queria que isso se perdesse na poeira do passado", explica.

No seu tempo na cidade, Marc Meyers viveu em um bairro próximo à usina, depois na Vila dos Engenheiros e na rua Geraldo Soares de Sá, próximo ao Hospital Margari-

me trazer. Gosto do interior, quem sabe eu compro um sítio e passo mais uns meses no Brasil? Ainda não tenho nenhum plano em relação a isso", comenta.

Além de contribuir com o registro histórico, Marc Meyers também ajudou a cidade na área social. Em 2012, junto com os irmãos Pedro, Jacques e Carlos, investiu R\$ 500 mil para a construção do Centro Esportivo Henry Meyers, no bairro Estrela Dalva. A obra foi inaugurada em fevereiro do ano passado, com campo de futebol, quadras poliesportivas, centro de artes marciais e vestiário. O empreendimento era um sonho antigo do professor.

me trazer. Gosto do interior, quem sabe eu compro um sítio e passo mais uns meses no Brasil? Ainda não tenho nenhum plano em relação a isso", comenta.

Além de contribuir com o registro histórico, Marc Meyers também ajudou a cidade na área social. Em 2012, junto com os irmãos Pedro, Jacques e Carlos, investiu R\$ 500 mil para a construção do Centro Esportivo Henry Meyers, no bairro Estrela Dalva. A obra foi inaugurada em fevereiro do ano passado, com campo de futebol, quadras poliesportivas, centro de artes marciais e vestiário. O empreendimento era um sonho antigo do professor.

diário Santa Bárbara
quarta-feira
26 de junho de 2013 - Ano 1 - edição experimental

CAPTACÃO DE ÁGUA EM BRUMAL

Codema diz não à obra da Samarco

Reunião do Codema que rejeitou pedido de licença da Samarco teve manifestação contra a obra

BARÃO DE COCAIS
Prefeito terá mais um julgamento em julho

Cartório Eleitoral muda de endereço

diário Santa Bárbara

SÓ AS MAIS IMPORTANTES CIDADES DE MINAS TÊM JORNAIS DIÁRIOS, E HÁ UM MÊS SANTA BÁRBARA ESTÁ ENTRE ELAS

diário Santa Bárbara

UM JORNAL DO MESMO GRUPO DO SEU

Diário de Itabira
INDEPENDENTE E CONFIÁVEL

BALANÇO - Superintendente avalia que Festival de Inverno, que termina hoje, teve programação adequada, bom público e ainda alcançou boa repercussão na mídia estadual, obtendo lugar de destaque no contexto mineiro

‘A cultura é um item prioritário e este festival comprovou isso’, avalia Marconi Drummond

Stael Azevedo

“A cultura não toma lugar da saúde e da educação, a cultura é um item prioritário e este festival comprovou isso. Itabira quer ser uma cidade contemporânea e ter uma cultura forte”. Foi assim que o superintendente da Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade, Marconi Drummond Lage, definiu a realização do 39º Festival de Inverno de Itabira, que teve com 21 dias de programação cultural intensa e termina hoje.

Felipe Jácome
DA REDAÇÃO

A presença do público itabirano nos 21 dias de festa comprovou a valorização da cultura no município, avalia Marconi Drummond. “Me surpreendeu o acolhimento do público. Eventos com um público significativo, os itabiranos compareceram, confirmando a nossa crença na diversidade cultural em eventos que valorizam a cultura local, mas que também dialogam com culturas, procedimentos, eventos e espetáculos produzidos em outras esferas, em outras localidades. O balanço é muito positivo, é afirmativo de

uma cultura que a cidade quer fazer e acessar”, definiu.

O destaque do festival em programas de rádio e TV, além de jornais impressos agradou o superintendente. “Nós ganhamos mídias espontâneas nos grandes jornais do estado, além das rádios e também as TVs. Várias organizações deram grande visibilidade ao nosso festival, o que confirma também que não é um modelo itabirano. Em julho, em várias cidades acontecem eventos culturais, como em Ouro Preto, São João Del Rey, em Ouro Branco, e o festival de Itabira entra neste rol, e sempre esteve entre os melhores realizados em Minas. Sempre ocupou um lugar importante na agenda mineira”, afirmou.

Em sua avaliação positiva do festival, o superintendente projeta um destaque ainda maior para as próximas edições do evento. Segundo ele a festa “extrapolou os limites itabiranos” com sua extensa e diversificada programação.

“Este festival ganha uma anuência diferente, porque ele extrapolou os limites itabiranos e começa a flertar e a desejar ocupar um lugar de grande

destaque, com uma programação forte, uma programação diversificada e que não aposta só no óbvio e já conhecido. É um festival que quer ser um centro de estudos”, definiu Marconi Drummond.

No início do mês a verba destinada à realização do festival, cerca de R\$ 2 milhões, foi criticada pelo vereador Geraldo Martins da Costa “Lado” (PMDB), para quem o Município teria outras prioridades para este dinheiro. Questionado se o valor correspondeu às expectativas da programação, Marconi Drummond reiterou seu posicionamento de que “é necessário investir na cultura” e já fez projeções para o ano que vem. “O que fica evidente é que é um valor muito bom para fazer um festival deste porte. O desenho que nós demos para o festival consumiu este valor, mas trabalhando com rigor de produção. Então, eu diria que com este valor a gente faz um belo festival, talvez não seja necessário um aumento de recurso. Claro, o festival do ano que vem ganhará outra feição, mas eu diria que este valor é suficiente para fazer um grande evento na cidade”, considerou.

Agosto terá festival de cultura popular

O 39º Festival de Inverno de Itabira mal foi encerrado e o superintendente da Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade, Marconi Drummond, já anuncia a realização do Festival de Cultura Popular, para comemorar o Dia do Folclore e valorizar a cultura popular do município.

No evento estarão em evidência as bandas de música, a marujada, o artesanato e a culinária itabirana. “Existe um desenho e um grande desejo de fazer um festival de cultura popular para comemorar o Dia do Folclore, isso, porque a fundação quer dialogar com

uma cultura da cidade, das bandas de música, dos marujos, dos ofícios, do artesanato e da gastronomia. Itabira tem essa vertente cultural muito forte”, destacou.

Tem mais - Marconi Drummond garantiu que a programação mensal continua e também o desejo de implantar “uma política cultural de qualidade”. “A ideia é criar um fórum de discussão agora em agosto e a programação mensal continua. Continuamos firmes com o intuito de estabelecer uma política cultural para a cidade”, afirmou.

De acordo com o superintendente, Itabira já aderiu ao Sistema Nacional de Cultura e aguarda apenas a confirmação do Ministério da Cultura.

“Vamos agora finalizar o processo de composição do Conselho Municipal de Cultura, vamos realizar a Conferência Municipal de Cultura para irmos à plenária Estadual e Federal e vamos receber a secretária estadual de Cultura, então a secretária Eliana Parreira estará conosco aqui no dia 12 de agosto e estamos firmes no propósito de implantar o Fundo Municipal de Cultura”, relatou Marconi Drummond.



Stael Azevedo

Esparramadas essas flores dos nossos jardins lá de Ipoema

Depois do ensaio com pequenas flores do campo, publicado domingo passado, resolvi capturar imagens nos jardins de algumas casas em Ipoema. Beijões, margaridas, jardineiras e rosas ganharam companhia das flores de romã, mamão e até banana (que está lá na capa desta edição), além de uma da planta conhecida como espada de São Jorge, apontada pela cultura popular como “boa contra mandinga”, que simbolicamente ilustra a matéria acima, na qual o superintendente da Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade, Marconi Drummond, faz um balanço positivo do 39º Festival de Inverno de Itabira – digno de elogios.

Tem também aquele grilinho lá da coluna “Pinga fogo” e o camará – planta forte – com suas flores em cacho na entrevista de Raül

Eugenio Zaffaroni, ministro da Suprema Corte Argentina e professor da Universidade de Buenos Aires. Do camará, registra, sintomaticamente a Wikipédia: “Se desenvolve tão rápido que os esforços para sua erradicação têm falhado completamente. Transformou-se em um sério obstáculo para a regeneração natural da espécie nativa nas regiões onde não é encontrada naturalmente”. Tudo a ver com a entrevista.

A flor de maria-sem-vergonha no texto sobre o livro de Marc Meyers também traça leitura paralela, remetendo à própria capa de “A dama e o luxemburguês”. É quase auto-explicativa a foto, assim como a margaridinha sobre fundo amplo na reportagem a respeito do esforço de Santa Bárbara para ter uma legislação municipal que permita fiscalizar melhor as mineradoras. Além, é claro, da simplicidade no artigo de Selvino Heck.



fotos Stael Azevedo



Roneijober Andrade



Por Roneijober Andrade - E-mail: rjober@uai.com.br

Morro Redondo é cenário de filme longa metragem

No ano passado, o Morro Redondo foi palco de encerramento da Mostra de Cinema de Ipoema (Cinelpoema). Agora, este mirante natural, que é um verdadeiro cenário de cinema, serviu de locação para gravações de cenas de um longa metragem. O filme "A mulher que amou o vento", uma produção de Ana Moravi e Dellani Lima, foi rodado na nossa região em meados deste mês. As primeiras gravações no Morro Redondo foram realizadas dia 14 e no decorrer da semana foram registradas outras cenas. Também houve filmagens numa cachoeira próxima ao Campo da Garça e na comunidade do Baú (Nova União).

Esta produção independente mostrará um universo fantástico e poético da relação de uma personagem que se apaixona pelo vento e promove alguns jogos, brincadeiras, com ele. A paixão dela é tão grande que o vento de repente toma corpo, vira um ser que se manifesta e invade o universo desta mulher.

O filme pode ser lançado na Mostra de Cinema de Ipoema deste ano. Segundo o produtor da mostra ipoemense, Cleber Camargo, seria bom o filme ser exibido no próprio Morro Redondo. A cineasta Ana Moravi também adorou a ideia. "Será a oportunidade do pessoal daquela região ver uma visão mais poética do Morro Redondo", afirmou.

Ficha técnica:

"A Mulher que amou o vento", filme de Ana Moravi
Estrelando: Thaís Dahas e Dellani Lima
Produção: Ana Moravi & Dellani Lima
Fotografia: Dellani Lima
Assistente de direção, produção e stills: Maria Caram



Ana Moravi: "Porque cinema tem que ter dinheiro!"

Som direto, desenho de som e trilha original: Miguel Javaral
Montagem: Ana Moravi & Dellani Lima
Realização: Colégio Invisível
Minas Gerais/2013

Sinopse do filme:

Minha avó contava que quando nasci

o vento soprava na janela do meu quarto e entrou por uma fresta. E que eu imediatamente parei de chorar. Diz ela que daquele instante em diante nada me tocou como o vento. Em cada momento da vida, tive a companhia de brisas ou vendavais.



Equipe do Colégio Invisível